

O ensino de guitarra elétrica no cenário artístico-cultural de Campina Grande/PB: apontamentos histórico-metodológicos a partir das perspectivas de alguns de seus principais protagonistas.

Comunicação

Arthur Marques do Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande
arthur-mdn@live.com

Josenildo Araújo da Silva
Universidade Federal de Campina Grande
silvaraujosenildo@outlook.com

João Valter Ferreira Filho
Universidade Federal de Campina Grande
joao.valter.ufcg@gmail.com

Robertson de Arruda Silva
Universidade Federal de Campina Grande
kbecauepb@yahoo.com.br

Breno Felipe Lima de Sousa
Universidade Federal de Campina Grande
brenofelipelds@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de graduação que aborda a história do ensino-aprendizagem de guitarra elétrica no município de Campina Grande/PB. Seu objetivo geral é apresentar um panorama histórico e metodológico de alguns dos principais guitarristas e professores de guitarra elétrica com atuação relevante na referida cidade, no período compreendido entre o início dos anos 1980 até 2021. Nessa direção, a pesquisa fez uso de estudos bibliográficos, pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas com professores do instrumento, a fim de coletar dados que posteriormente foram submetidos à análise e interpretação de caráter qualitativo. Os resultados revelam que o ensino-aprendizagem da guitarra elétrica no município em questão é marcado pela diversidade de métodos e abordagens, incluindo a autoaprendizagem, estudos informais entre pares, aulas particulares e aprendizagem direta em um “ambiente prático”. As entrevistas com os professores destacam suas trajetórias musicais, o cenário da guitarra em Campina Grande, as ferramentas e materiais utilizados e suas abordagens metodológicas, quando assumem o protagonismo do ensino e aprendizagem desse instrumento. Com este trabalho, esperamos contribuir com registro histórico da trajetória do ensino de guitarra nessa cidade, além de colaborar para uma compreensão mais contextualizada a respeito do caráter desse instrumento e dos repertórios que a ele se vinculam, proporcionando, ainda, a abertura de espaço para reflexão em torno das práticas

de ensino-aprendizagem protagonizadas pelos educadores mencionados e a disponibilização de uma fundamentação histórico-metodológica acerca da temática abordada.

Palavras-chave: Ensino de guitarra elétrica. Professores de guitarra elétrica. Guitarra elétrica em Campina Grande.

Introdução

Neste trabalho é apresentado um recorte de uma pesquisa de Graduação, consolidada sob a forma de uma monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao curso de Licenciatura em música da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), estado da Paraíba, no ano de 2021, e intitulada de “O ensino de guitarra elétrica no cenário artístico-cultural de Campina Grande: apontamentos histórico-metodológicos a partir das perspectivas de alguns de seus principais protagonistas”, elaborada e defendida sob a orientação do professor Dr. João Valter Ferreira Filho. Tal pesquisa encontra-se situada no contexto dos trabalhos do EHMMus (Grupo de Pesquisa em Ensino, História e Memória da Música na Paraíba), vinculado à UFCG.

A palavra “guitarra”, segundo o dicionário Priberam (2021), vem do grego *Kithára*, e pode se referir a diversos instrumentos da família das cordas dedilhadas (ou tangidas) em que o som é produzido manualmente pela vibração das cordas. A guitarra elétrica, no entanto, se destaca dos demais instrumentos dessa família, pelo seu timbre emitido através de uma amplificação elétrica do sinal gerado por meio da captação de suas cordas. Sua origem é relativamente recente, porém sua influência na música, sobretudo a música popular do século XX e XXI, é muito significativa. O início de sua trajetória se localiza nos Estados Unidos, onde também encontramos o pioneirismo da sistematização de seu ensino, posteriormente difundido para o mundo inteiro.

Na cidade de Campina Grande, no interior do estado da Paraíba, a guitarra elétrica alcançou uma relevância no contexto da música local, tendo sua trajetória marcada por alguns protagonistas que se destacaram ao longo dos últimos quarenta anos, tanto na performance como em seu ensino. Nesse quadro, conhecer e refletir a respeito dos contextos e percursos que acabaram por configurar os atuais panoramas quanto ao ensino da guitarra parece ser uma abordagem fundamental na busca por uma compreensão mais holística sobre a temática. Além disso, a pesquisa teve como uma de suas motivações iniciais o desejo de contribuir para

o registro histórico em torno de alguns dos principais protagonistas que se dedicaram à guitarra elétrica e seu ensino no cenário local.

Em termos sistemáticos, a pesquisa apresenta um panorama histórico e metodológico de alguns dos principais guitarristas e professores de guitarra elétrica com atuação relevante na cidade de Campina Grande, assumindo como recorte histórico o período compreendido entre o início dos anos 1980 até 2021. A partir desse alvo estabelecido, foram assumidos como objetivos específicos: a) realizar um levantamento histórico dos principais personagens e instituições que ensinaram guitarra elétrica, na cidade Campina Grande, entre o início dos anos 1980 até 2021; b) coletar informações sobre o perfil metodológico e materiais didáticos utilizados no ensino e aprendizagem desses professores; c) refletir a respeito do desenvolvimento do ensino de guitarra elétrica em Campina Grande e suas perspectivas.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica no intuito de construir o referencial teórico, examinando artigos, dissertações e teses que abordavam a história e o ensino da guitarra elétrica. Dentre essas referências, destacamos os trabalhos de Mariano (2018), Garcia (2011), Módolo e Figueiredo (2013) e Freitas (2016) e os dados presentes no livro de Berendt e Huesmann (2005) e no site "Music Jungle" da Escola de Música e Tecnologia (EM&T). Além da pesquisa bibliográfica, realizamos entrevistas semiestruturadas com professores de guitarra em Campina Grande, como técnica de coleta de dados qualitativos. Nesse quadro, as entrevistas foram estruturadas em três tópicos principais, sendo eles os seguintes: a) uma introdução com a apresentação do entrevistado; b) a recapitulação histórica do entrevistado, sua trajetória de formação, o cenário musical de sua respectiva época, nomes de relevância para a guitarra naquele período e materiais e ferramentas didáticas que utilizaram em seus estudos; c) a descrição do perfil metodológico de cada um, suas formas de ensinar e principais orientações.

O presente trabalho parte de algumas considerações gerais a respeito do ensino-aprendizagem no universo da guitarra elétrica em direção a uma compreensão e reflexão mais contextualizada com o cenário local abordado na pesquisa, tendo como referência um panorama constituído a partir dos dados coletados nas entrevistas, destacando as

concepções, perspectivas, métodos e materiais assumidos pelos guitarristas e professores que contribuíram para a consolidação do instrumento no cenário musical de Campina Grande.

O ensino da guitarra elétrica em Campina Grande: apontamentos históricos

O ensino e aprendizagem da guitarra elétrica se relaciona muito com contextos socioculturais de sua trajetória. Segundo Mariano (2018, p. 104), o ensino desse instrumento, desde sua origem até meados de 1980, no Brasil, se deu basicamente de quatro formas principais: (1) a autoaprendizagem; (2) estudo informal e entre pares; (3) aulas particulares de caráter não formal; (4) aprendizagem direta no próprio ambiente prático em que os guitarristas se encontram inseridos. O autor, após destacar a escassez de professores especializados, assim como a dificuldade de conseguir literatura e informação especializada, conclui que a autoaprendizagem era inevitável. Contribuindo para o entendimento sobre autoaprendizagem, Garcia (2011) diz que ela se manifesta da seguinte forma:

[...] é aquela na qual o aluno (aprendiz) exerce plena autonomia e controle sobre suas práticas educacionais... [com] a interação do indivíduo com múltiplos ambientes de aprendizagem, permitindo-lhe o envolvimento ativo no processo de aquisição de conhecimentos e habilidades (GARCIA, 2011, p. 55).

O autor afirma, ainda, que, nas representações dos estudantes de guitarra, existe um tipo de autovalorização específica advinda do fato de terem aprendido o instrumento dessa forma.

Aparentemente dizer “eu aprendi sozinho” faz com que o guitarrista tenha méritos entre a comunidade instrumental. Ser autodidata e ainda “vencer” (tocar bem) confere ao indivíduo um status cult sobre a prática. Relaciono isso ao fato histórico de tantos guitarristas famosos e consagrados pelas mídias em diferentes períodos terem se denominado autodidatas, mesmo sendo guitarra um instrumento com pouco mais de um século de invenção (GARCIA, 2011, p.58).

Com relação aos estudos informais e entre pares, Garcia (2011, p. 47 e 48) destaca a interação social da pessoa que deseja ser guitarrista, assinalando a prática do ouvir e copiar. De acordo com o autor, inserir-se nos ambientes musicais leva a aprendizagens aurais, como por exemplo, ensaios em grupo, convivência com músicos mais experientes e na observação



e na replicação de práticas, mostrando uma aprendizagem direta no ambiente prático com o estudo informal entre pares, podendo essas duas formas de aprendizagem se entrelaçar dependendo do contexto pessoal no qual o indivíduo esteja inserido. Esse é o caso, por exemplo, de um estudante iniciante de guitarra que comece a estudar pelo material disponibilizado na internet e trocando informações com outros guitarristas iniciantes usando o mesmo sistema de aprendizagem. Esse é o estudo informal entre pares. Quando o estudante passa a ensaiar em grupos com outros músicos, há também compartilhamento de experiências entre eles, gerando um aprendizado no ambiente prático musical, seja profissional ou amador. Ambas são práticas de aprendizagem informal.

Outra forma de aprendizagem é a prática multi-instrumentista, comumente verificada entre os pioneiros da guitarra elétrica, que se refere ao estudante que já carrega uma experiência em outro instrumento de cordas, seja dedilhado ou de palheta. Essa prática anterior possui uma forte influência na construção da nova prática. Garcia (2011, p. 47) também considera esse exemplo como uma forma de aprendizado aural e até mais rápida e prática. Um traço comum entre as formas de aprendizagem anteriormente citadas é a ausência de um professor, visto ser um aprendizado conduzido de forma compartilhada, levando em consideração a automotivação do aspirante e as técnicas e repertórios aos quais tem acesso entre seus pares mais experientes.

Os professores de guitarra são bem presentes nas aulas particulares de caráter não formal e Garcia (2011, p. 48) os caracteriza como geralmente sendo guitarristas que alcançaram um certo *status* de destaque, levando a serem bastantes requisitados por outros inexperientes. É um formato muito comum, principalmente em escolas particulares de música, que não exigem uma titulação (licenciatura ou bacharelado), ou qualquer tipo de formação pedagógica de seus professores. Essas escolas geralmente adotam conteúdos flexíveis, muitas vezes, tomando como ponto de partida o gosto pessoal do aluno. Mariano (2018) complementa o exposto da seguinte forma:

Já vimos que, devido ao ensino de guitarra elétrica não ser acessível anteriormente em relação à formação em nível superior, pela inexistência ou existência de pouquíssimos cursos no Brasil, muitos estudantes buscaram uma formação alternativa em guitarra elétrica, principalmente através de aulas particulares com professores, que em muitas das vezes, eram instrumentistas reconhecidos por seus pares (MARIANO, 2018, p. 122).

De um modo geral, os dados obtidos pela pesquisa apontam que estudantes e instrumentistas que se dedicam à guitarra no Brasil, além dos livros, lançam mão de três principais fontes de conteúdo: revistas de guitarra, videoaulas (em formato de VHS, DVD, ou, mais recentemente, em plataformas de *streaming*) e plataformas de aprendizagem virtual. As videoaulas e revistas foram muito importantes para a formação na década de 80 e 90. Mas as plataformas de *streaming* e redes sociais trouxeram novas formatações para essa fonte de aprendizagem, com acesso a gravações de conteúdo, *lives* e videoconferências com professores e incrementando as possibilidades de interação com outros estudantes. Esse novo formato *online* deu acessibilidade a cursos de guitarras e a professores como até então não havia.

Esta compreensão, em torno do panorama das principais formas de ensino-aprendizagem da guitarra elétrica, forneceu, no contexto da presente pesquisa, a base para a análise dos dados que serão apresentados no tópico a seguir.

A história e a metodologia do ensino de guitarra elétrica em Campina Grande a partir das vozes de alguns de seus principais protagonistas

A trajetória histórica do ensino-aprendizagem de guitarra elétrica na cidade de Campina Grande pode ser sistematizada em três gerações. A primeira delas situa sua atuação nas décadas de 80 e 90. A segunda geração, situada entre 1990 e 2010. Por fim, a terceira geração, que se constitui após o ano de 2010. Alguns dos entrevistados atuam na docência de guitarra até os dias atuais, em escolas de música particulares da região e na UFCG.

A iniciação musical relatada pelos guitarristas teve como suporte a utilização de revistas, métodos, fitas, vinis, videoaulas, além dos estudos com colegas, em igrejas e ambientes acadêmicos. As entrevistas destacam também as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores das diferentes gerações.

A esse respeito, Jorge José Ferreira de Lima Alves (Jorge Ribbas) afirma que começou a aprender violão influenciado por colegas na década de 1980 e passou a dar aulas de música em 1984. “Comecei a dar aula em... 1984, antes já vinha aprendendo violão pelo convívio de colegas na escola, aquela coisa de amigos de escola mesmo, ouvindo música juntos” (ALVES, 2021. Informação verbal). Outro entrevistado, Francisco Manuel dos Santos Neto (Xico Netto),



teve sua iniciação musical no início dos anos 1990 com uma formação autodidata, aprendendo com amigos e assistindo a shows. Ele nos descreve, da seguinte maneira, como se deu a sua iniciação musical:

Aquela coisa de guri, né? Junta com a galera pra tocar, começa a aprender os primeiros acordes, se empolga, toca uma música, toca duas, aí entra na banda, aí foi isso que vi e disse: cara é isso que eu quero pra mim e vou meter a cara... Os primeiros [acordes] foram por conta própria, comecei sozinho e tal... [no] empirismo, vendo, tocando, vendo os shows, voltava a fita naquela partezinha, aí eu tentava fazer igual [...] (SANTOS NETO, 2019. Informação verbal).

Ambos relataram que posteriormente buscaram aulas formais. Jorge Ribbas no curso de extensão da UFCG e Xico Netto estudando na Escola de música Musidom e posteriormente no IG&T em São Paulo.

No que se refere ao cenário de guitarristas na cidade de Campina Grande, os entrevistados destacaram atuações relevantes de outros artistas, tais como: Moisés Freire, Giordano Frag, Leandro Farias, Janinho, Frajola, Silvio e William Ferreira. Desses, alguns ainda contribuem fortemente para o cenário local, realizando apresentações de diferentes gêneros musicais. Algumas bandas como “Albatroz”, “A encruzilhada” e “Mortífera”, marcaram as gerações dos professores e são vistas como referências. Consolidando esta perspectiva, Leite (2021) e Barbosa (2021) afirmam, respectivamente, o seguinte:

Campina grande tem muita gente boa, né, quando a gente fala de guitarrista mesmo, assim, tem uma galera de nível nacional aqui, tranquilo. No tempo que eu tava começando a estudar, por exemplo, Leandro Farias já era coroa, conhecido, já tocava muito bem... Tem o Giordano que é meu “amigaço”, sou muito fã do estilo, da forma que ele toca... Teria outras pessoas como Janinho, Silvio [...] (LEITE, 2021. Informação verbal).

Giordano Frag, pra mim sempre foi uma referência muito grande... Moisés que foi um cara que eu vi tocar pela primeira vez no tributo do Pink Floyd... Eu conheci o trabalho de Biu também, Welligton Ferrery, quando eu conheci ele eu achava nem que ele era de Campina. Quando William Ferreira fez uma Jam dos guitarristas, aí expandiu mais essas referências [para mim] (BARBOSA, 2021. Informação verbal).



Como vimos anteriormente, esse conjunto de referências, formado pelos músicos dedicados à performance, constitui, no universo do ensino-aprendizagem da guitarra elétrica, uma importante fonte para novos conhecimentos entre os aprendizes do instrumento.

Em Campina Grande, os materiais e ferramentas adotados para os estudos de guitarra elétrica eram muito escassos no início da década de 80. Isso fazia com que alguns desses professores procurassem aprender, escutando o repertório repetidamente até entender como “se tocava”. Outros procuraram estudar na escola Musidom, à época administrada pelo professor e fundador Jorge Ribbas. Nessa escola, tiveram as primeiras experiências com teoria musical e leitura de partitura. Durante a trajetória relatada pelos guitarristas Jorge Ribbas e Xico Netto, foi possível observar uma grande influência da metodologia do IG&T, que induziu alguns dos entrevistados ao estudo “mais intenso”, incluindo a participação em cursos na sede da escola que se localizava em São Paulo. Dessa forma, a metodologia do instituto também foi replicada nas aulas particulares de alguns desses professores e nas escolas onde atuavam. Entretanto, esse fato não solucionava o problema da escassez de materiais para estudo do instrumento. É o que nos diz Alves (2021):

Na época [final dos anos 80] era até escasso a questão de materiais didáticos, as primeiras videoaulas vieram bem depois, e também era difícil conseguir materiais, mas depois eu tive acesso a livros do Nelson faria [A Arte da Improvisação], Mick Goodrick, entre outros [...], mas todos eles basicamente abordam as mesmas coisas, escalas, arpejos, licks... basicamente os mesmos conteúdos (ALVES, 2021. Informação verbal).

Já entre os músicos das gerações posteriores, a problemática da escassez de materiais, para o estudo da guitarra, foi sendo solucionada gradativamente. Isso é evidenciado a partir das falas de Silva (2019) e Barbosa (2021), respectivamente:

Eu baixava muita apostila no 4shared [...] eu montava uma apostila de todas as apostilas que eu baixava, não tinha um material específico, Sete anos atrás [por volta de 2012] eu apanhei um material do caramba daquele Matheus Starling, um material muito denso, e eu não consegui assistir todo, não consegui absorver todo [...] eu tinha, lembro que eram sete DVDs (SILVA, 2019. Informação verbal).

A internet já tava brutal, e eu já tava com a cabeça organizada [...] a base da metodologia utilizada lá [na Teoarte] é a mesma base que eu creio que é utilizada ali na Brooklin, nas outras escolas de música, que é mais vindo ali do IG&T, Mozart Mello, essas paradas assim que permeiam a guitarra no



Brasil [...] Nessa época [2015] eu adquiri alguns métodos de guitarra [...] comprei um primeiro método estrangeiro do Rick Graham, “Scales I Use for 12 Bar Blues”. Nesse tempo o cara vendia o curso, você fazia o pagamento e ele mandava via hospedagem, no drive [nuvem de armazenamento] (BARBOSA, 2021. Informação verbal).

No que diz respeito à didática adotada pelos educadores, as entrevistas evidenciaram diferentes abordagens metodológicas. Sá (2019), por exemplo, afirma que atualmente adota o método de um guitarrista chamado Vilmar Gusbert, mesclando com os métodos do William Leavitt, da Berklee.

[...] um dos métodos, é de um guitarrista chamado Vilmar Gusbert, que tem um método prático parecido com o da IG&T [...] tem o método da Berklee do... William Leavitt. Eu coloco ele pra forçar a galera a ler alguma coisa [...] eu vou dando repertórios também em cima do que tá sendo trabalhado, eu vou tentando fazer a lista, de acordo com o que o cara quer, coloco sempre um choro pra quem já tá mais desenvolvido, um jazz pra treinar chord melody, blues quando tá estudando a pentatônica, repertório pop sempre vai ter que ter [...] (SÁ, 2019. Informação verbal).

Silva (2019), por sua vez, adapta a metodologia da IG&T e aplica essa adaptação em Campina Grande. “Eu trabalho com o mesmo conteúdo [da IG&T], porém personalizado de acordo com a necessidade de cada aluno [...] utilizava o método da IG&T, [porém] hoje eu não tenho mais o convênio, mas uso a mesma lógica” (SILVA, 2019. Informação verbal).

Evidenciou-se, ainda, uma crítica às abordagens metodológicas que visam a construção de um perfil “virtuoso exagerado”, pois, tais abordagens, de acordo com Alves (2021), pouco estimulam o individualismo do aluno e objetivam uma padronização performática, uma espécie de execução imitativa de outros guitarristas já renomados. “É como se colocasse todo mundo num sarcófago entendeu? Todo mundo entra lá de um jeito, aí passa aquele período e depois o sarcófago abre e sai todo mundo igual [...]” (ALVES, 2021. Informação verbal). O entrevistado ressalta, ainda, a importância do estudo de partituras para os guitarristas, como sendo um elemento agregador de valor para a atuação no mercado de trabalho.

Xico Netto e Welligton Ferrery ministram suas aulas aplicando o método da IG&T, referência no estudo de ambos no processo de aprendizagem musical. Xico Netto enfatiza que,

para além das aulas no instituto, a experiência trocada entre os guitarristas durante os intervalos permitia o *networking* entre os participantes.

O professor Arthur Lucena busca uma espécie de transferência de seus conhecimentos na área de linguagens, adaptando-os para o ensino de guitarra. Baseia-se, portanto, na experiência teórica acadêmica no curso de Letras. Sua metodologia se caracteriza pela ênfase na prática, enfatizando bastante a aprendizagem aural, de modo que o aluno assimile e internalize os sons e a linguagem musical. Nos diz ele:

Eu trabalho o aluno para a prática, inicialmente vou ensinar padrões, como você se desenvolver, como andar sozinho [...] eu tenho aulas de turmas que são três pessoas, e tenho aulas de masterclass que é um aluno só [...] Como que aplico isso nas minhas aulas, por que assim... eu sou formado em letras... a parte de linguagens, a música é uma linguagem, então a teoria que eu aplico em sala de aula pra espanhol, pra produção de redação, sistema de gramática, nisso que eu aplico pra música... o que eu faço, eu trabalho encima de três pontos: Saber o conteúdo, saber localiza-lo e saber aplica-lo. No caso da teoria de linguagem seria por exemplo, escutar um idioma, começar a entende-lo e depois falar [...] Eu vou pela questão, aproveitando o conhecimento idiossincrásico que o cara tem, depois vou pela questão do behaviorismo, que é a repetição né, e a parte do inativo que é ensinar o cara a criar, ensinar o cara a falar (LUCENA, 2019. Informação verbal).

A partir dessas falas, podemos observar que, em Campina Grande, a maioria dos professores opta por elaborar uma espécie de “metodologia própria” de ensino da guitarra elétrica e aplicá-la em suas aulas. Mas, fazem isso tendo como referência o estudo de outros materiais, anteriormente acessados por eles, como por exemplo, o método de Nelson Faria, o da Berklee, o de William Leavitt e o de Vilmar Gusbert, citados para além da metodologia do IG&T.

Considerações finais

A pesquisa apresentou um panorama do ensino de guitarra elétrica em Campina Grande, evidenciando as diferenças nos processos de iniciação musical dos professores entrevistados, o cenário musical da guitarra naquele local e período, a variação de materiais e ferramentas didáticas para a aprendizagem do instrumento e as distintas abordagens metodológicas adotadas pelos professores ao longo das três gerações inicialmente caracterizadas.

No exercício de articulação e reflexão em torno dos dados levantados, chamou a atenção de nosso Grupo de Pesquisa como, no cenário e no recorte histórico aqui abordados, os processos de ensino-aprendizagem da guitarra elétrica são multiformes e não-padronizados, sendo determinados, sobretudo, pelos contextos socioculturais. Na prática, essa característica se consolidou em Campina Grande indo desde os caminhos de autoaprendizagem até às aulas formais. Percebemos, também, que as principais fontes de conteúdo para o estudo do instrumento se transformaram ao longo do tempo, passando de revistas e videoaulas para plataformas de aprendizagem *online*. Observamos, ainda, que o emprego da metodologia IG&T teve acentuada influência na formação de diversos guitarristas no cenário campinense, sobretudo, naqueles que foram alunos dos professores Xico Netto e Welligton Ferrery. Os entrevistados demonstraram a importância da prática do repertório e do estudo teórico no desenvolvimento dos alunos. Cada professor também procurou desenvolver sua própria metodologia de ensino adaptando-as às necessidades e preferências dos alunos.

Por fim, o estudo oportunizou ao grupo de pesquisa EHMMus reflexões para o encaminhamento de outros trabalhos que buscarão o preenchimento de lacunas, ainda existentes, sobre os registros histórico-metodológicos, tanto do ensino da guitarra elétrica, como do ensino de outros instrumentos no panorama local. Com este trabalho, temos a expectativa de contribuir para o registro histórico da trajetória do ensino de guitarra na cidade de Campina Grande, abrir espaço para reflexões sobre as práticas de ensino-aprendizagem verificadas nesse cenário e fornecer uma base histórico-metodológica sobre o tema abordado.



Referências

ALVES, Jorge José Ferreira de Lima. Depoimento oral. Entrevista concedida ao pesquisador Arthur Marques do Nascimento. Campina Grande, jun. 2021.

BARBOSA, Matheus Duarte. Depoimento oral. Entrevista concedida ao pesquisador Arthur Marques do Nascimento. Campina Grande, jun. 2021.

BERENDT, Joachim-Ernst. *O livro do jazz: de Nova Orleans ao século XXI* / Joachim-Ernst Berendt, Gunther Huesmann; tradução Rainer Patriota, Daniel Oliveira Pucciarelli, - 1. Ed. – São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2014. Publicado originalmente como: Jazz, do Rag ao Rock, continuado por Gunther Huesmann. Edição revista e atualizada.

FREITAS, Felipe. *A produção bibliográfica sobre guitarra elétrica na pós-graduação brasileira*. 13º Encontro Regional Nordeste da ABEM. 2016.

GARCIA, Marcos da Rosa. *Ensino e aprendizagem de guitarra em espaços músico-educacionais diversos de João Pessoa*. Orientador: Luis Ricardo Silva Queiroz. Dissertação (Mestrado em Música). João Pessoa, 2011b.

GARCIA, Marcos da Rosa. *Processos de autoaprendizagem em guitarra e as aulas particulares de ensino do instrumento*. REVISTA DA ABEM, v.19, n.25, p. 53-62, Londrina, 2011a.

LEITE, Jonathas Gomes. Depoimento oral. Entrevista concedida ao pesquisador Arthur Marques do Nascimento. Campina Grande, jun. 2021.

LUCENA, Arthur Madson Almeida de. Depoimento oral. Entrevista concedida ao pesquisador Arthur Marques do Nascimento. Campina Grande, jun. 2019.

MARIANO, Anderson de Sousa. *O sistema de digitações “posicion playing” de william g. Leavitt*. 2021. Disponível em:
<https://andersonmarianoeducacional.blogspot.com/2020/06/o-sistema-de-digitacoes-posicion.html> . Acesso em: 17 mai. 2021.

MÓDOLO, Thiago Grando; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz de. *Ensino e aprendizagem da Guitarra Elétrica: Uma Breve Revisão da Literatura*. In: XXI CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2013, Pirenópolis. Anais... Pirenópolis, UNB, 2013. p. 987-998.

Music Jungle. *Quem inventou a guitarra elétrica?*. 2021. Disponível em:
<https://musicjungle.com.br/blog/guitarra/quem-inventou-a-guitarra-eletrica>. Acesso em: 17 mai. 2021.

Priberam Dicionário. Priberam Dicionário. 2021. Disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/Guitarra>. Acesso em: 17 mai. 2021.

SÁ, Caio Vinícius Pereira de. Depoimento oral. Entrevista concedida ao pesquisador Arthur Marques do Nascimento. Campina Grande, jun. 2019.

SANTOS NETO, Francisco Manuel dos. Depoimento oral. Entrevista concedida ao pesquisador Arthur Marques do Nascimento. Campina Grande, jun. 2019.

SILVA, Ruãn César Cezário; RIBEIRO, Giann Mendes. *Características e concepções do ensino de guitarra elétrica da escola de música da UFRN*. 12º Encontro Regional Nordeste da ABEM. 2014.

